

COLÓQUIO "L'ESTHÉTIQUE DE KANT"

Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle, de 14 a 21 de Junho de 1993

A ocasião desta resenha, cujo material poderá ser encontrado na Ed. Walter de Gruyter em 1994, foi um colóquio dedicado à Estética de Kant, organizado pelo Prof. Herman Parret, da Universidade de Lovaina. O castelo de Cerisy-la-Salle permitiu o encontro de cerca de meia centena de estudiosos, entre os quais cerca de trinta especialistas da terceira *Crítica*, muitos com trabalhos publicados recentemente. Filomena Molder e António Marques, da Universidade Nova de Lisboa, representavam os portugueses.

Aquilo que houve de comum entre todos os participantes foi, porventura, referido logo na segunda-feira, dia 14 de Junho, pelo seu organizador: a pertinência *ainda hoje* da reflexão e princípios kantianos para compreender e tentar pensar o mundo do estético e da arte, assim como o próprio exercício inaugural de todo o saber que é o próprio acto de reflexão, nas suas múltiplas implicações. O Prof. Parret traçou o horizonte que dá aos "eruditos e especialistas" um direito à cidadania, uma vez que encontramos ainda no texto de Kant os instrumentos necessários ao debate acerca de tais matérias.

Na impossibilidade de nos referirmos a todos os temas e conferências que animaram a semana, salientamos alguns que nos pareceram mais pertinentes.

Como é sabido, a *Crítica da Faculdade de Julgar* (que há três anos cumpriu o seu 2º centenário), proposta por Kant como o *terminus* do seu sistema crítico, é sempre motivo das mais diversas abordagens. Se a faculdade de julgar, no seu exercício reflexionante, desempenha um papel condicionante e unificador relativamente às outras faculdades, sendo a sua existência o próprio "pôr em questão do problema das faculdades", como sugeriria o Prof. Garroni, torna-se evidente o alcance e a importância que têm, para a compreensão da filosofia e sistema kantianos, as interpretações que dela fazemos. Como acentuaria ainda o mesmo Prof. Garroni, numa conferência que nos pareceu das mais pertinentes e fecundas, "a faculdade de julgar, objecto da terceira *Crítica*, "é o órgão desta Crítica, mais ainda: da crítica em geral, como esforço de compreensão reflexionante da possibilidade do conhecimento e da experiência em geral, mesmo não cognitiva".

O campo de reflexão deixado em aberto pela problemática da estética (tal como a entende Kant), permite assim dinamizar relativamente às outras *Críticas*, alguns dos temas mais problemáticos do pensamento kantiano. Assim, tivemos oportunidade de acompanhar algumas exposições que visaram perspectivar a terceira *Crítica*, face ao todo da obra do filósofo, abordando alguns dos seus temas maiores, como seja o estatuto e a génese do transcendental, tendendo a maioria dos conferencistas a valorizar a C. F. J.: quer para ver como o esquematismo das ideias (na KrV e na KpV) anunciavam já a necessária existência deste terceiro momento, fazendo do poder de pensar (fac. julgar) o lugar central do sistema, o limite inexponível do filósofo de Königsberg (F. Pierobon, Bélgica); quer caracterizando os juízos reflexionantes como a génese do próprio acto de pensar, cuja origem estaria efectivamente no seu exercício estético (F. Marty, França); quer

ainda mostrando como a animação das faculdades é, não apenas importante no plano do seu uso autónomo e livre (e do prazer imediatamente sentido da vida do *Gemüt*), como o é igualmente a um nível instrumental, com vista à realização das tarefas específicas (do conhecer, da apetição): o próprio plano transcendental, sugeriria assim R. Gasche (USA) na sua interessante conferência, considerado em si mesmo, também joga; ou ainda mostrando como a pressuposição da possibilidade de harmonia sujeito/mundo não diz respeito apenas aos juízos reflexivos mas está igualmente implícita na dimensão lógica dos juízos determinantes (F. Hughes, Inglaterra); ou sugerindo o abandono kantiano da pureza transcendental, o afastamento do modelo epistemológico no caso do estético, transformação esta do seu pensamento que se surpreende na mudança da sua concepção da imaginação (T. Baumeister, Holanda); quer ainda evidenciando como o "universal" na C. F. J. é entendido de forma distinta das duas *Críticas* anteriores, na qual o célebre "como se" kantiano desempenha uma específica função ficcional, como sugeriu A. Marques (Portugal) na sua conferência.

A análise das expressões "juízo reflexionante" "universalidade sem conceito", a questão do desinteresse e da importância do objecto na experiência estética, assim como a discussão do § 9 (precedência do julgamento do objecto sobre o sentimento de prazer), temas sempre sujeitos a reinterpretação, foram igualmente objecto de debate, permitindo a alguns dos americanos presentes – excessivamente centrados nas suas discussões internas de "papers" já publicados ou a publicar – discutir as suas posições, situando-se a questão no modo como equacionam o abismo ou a relação entre o estético e o cognitivo. Ao Prof. Guyer ouviríamos defender ter a *Crítica da Faculdade de Julgar* como missão transpor a moralidade para além da austeridade da *Crítica da Razão Prática*, tomando-se assim a moral "apetecível" aos sentidos, representando a experiência estética quer do belo, quer do sublime, a liberdade e a lei moral numa forma mais acessível aos seres humanos. H. Allison (USA), apresentando-se como um não ortodoxo, propõe-se romper com a postura mais usual da tradição americana, procurando superar a redução das questões ao plano epistemológico e aos resultados psicológicos que conduzem à subvalorização do estético, defendendo uma interpretação intencionalista que obvie a conceptualização do sentimento.

Leonardo Amoroso (Pisa, Itália), pôs em evidência a paradoxal paternidade de Kant relativamente à constituição da disciplina "Aesthetica", lembrando que se Kant retoma sistematizando-os, os tópicos discutidos ao longo de todo o séc. XVIII (o século de Burke e de Baumgarten, de Diderot e de Montesquieu), recolhendo os temas do belo e da arte no seio da estética, é ainda um "todo da experiência" que, na C. F. J., é visado por Kant.

Esta questão leva-nos ao tema da relação entre a faculdade de julgar e a própria experiência, tema que ocupou parte da conferência de E. Garroni (Itália): "é que a experiência pode tornar-se de repente e manter-se longamente opaca, inapreensível, incompreensível". Dissipando a rigidez que por vezes caracteriza algumas das leituras interpretativas de Kant, E. Garroni pôs em evidência a riqueza do exercício que é a reflexão e mostrou como cabe à faculdade de julgar a

conquista do sentido sobre o não sentido, fazendo do *sensus communis*, se assim o podemos dizer, o "correlato" visado através dessa conquista e a unidade sempre problemática da razão e do sentimento, do público e do privado, do comunicável e do incommunicável. O *sensus communis* seria assim compreendido como o princípio apropriado a uma faculdade (de julgar) a adquirir: aquela que permite aos seres humanos "sentirem-se em casa" na experiência do mundo.

Orientação semelhante encontraríamos na delicada exposição de F. Molder (Portugal), ao evidenciar que a reflexão é ainda, com Kant, uma feliz relação de si a si e de si ao mundo. Verdadeira condição intersubjectiva dos seres contemplativos e criadores, a reflexão, essa "actualização sentimental de todo o dado interno do *Gemüt*", é o que permitirá ao jovem poeta, (do exemplo kantiano comentado), num exercício sobre si mesmo, alterar o seu juízo sobre o seu outrora amado poema.

A preocupação com a temática da comunicação e suas condições de possibilidade esteve igualmente presente na conferência de C. La Rocca (Itália), dedicada à noção de forma estética na terceira *Crítica*, mostrando como tantas vezes a desprezada "coisa evocada" pelo efeito estético na ocasião da experiência, se deixa compreender como um signo especial, isto é, como "dimensão simbólica, própria da coisa mesma que permite e pode ocasionar a experiência do belo".

Mais do que a temática do belo é a experiência do sublime que tem, em anos recentes, atraído a atenção daqueles que se dedicam à problemática do estético e da arte. Não é assim de estranhar que o tema tenha sido objecto de várias exposições. Gostaríamos de realçar a de R. Makkreel (USA), que, ao contrário dos que vêm na experiência do sublime a humilhação da imaginação, defendeu ser precisamente a experiência do sublime a descoberta duma nova força: o esforço de aceder à totalidade, ganhando a imaginação mais do que perde, sendo o sublime, não só uma apresentação negativa das ideias racionais, mas também uma experiência que nos pede uma apropriação hermenêutica. Também P. McCormick (Canadá) chamou a atenção para a necessidade de continuar a ainda incompleta reconstrução da reflexão kantiana sobre o sublime, mostrando, através da análise de dois poemas, a fecundidade da aplicação da temática do sublime ao domínio da obra de arte literária. Já B. Saint-Girons (França), numa sugestiva exposição, pôs em evidência a importância do pensamento de E. Burke, autor que pela primeira vez na história das ideias opõe frontalmente o belo ao sublime, mostrando a riqueza problemática da sua exploração do tema, independentemente da posição kantiana.

Quanto à temática específica da arte, coube a W. Biemel, ao encerrar o Colóquio, proferir a conferência mais significativa, defendendo que se na C. F. J. existem duas perspectivas tensionais, no que diz respeito ao entendimento da arte, encontramos no modo como Kant pensa o juízo estético, a justificação teórica para uma forma de arte (não figurativa) que somente dois séculos mais tarde encontraria a sua realização no mundo dos artistas, tais como Kandinsky, Mondrian ou Pollock.